

SOBREVIVÊNCIAS DA IMAGEM NA ESCRITA:

MICHEL BUTOR E AS ARTES

SOBREVIVÊNCIAS DA IMAGEM NA ESCRITA:

MICHEL BUTOR E AS ARTES

Márcia Arbex



© Relicário Edições

© Márcia Arbex

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

A664s

Arbex, Márcia

Sobrevivências da Imagem na Escrita: Michel Butor e as Artes / Márcia Arbex.
- Belo Horizonte, MG : Relicário, 2020.

260 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e anexo.

ISBN: 978-65-86279-03-0

1. Teoria e crítica literária. 2. Michel Butor. 3. Literatura francesa. 4. Artes visuais.

I. Título.

CDD 809

CDU 82.09

2020-928

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESP/Paris)

Pedro Süssekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

DIAGRAMAÇÃO Kátia Regina Silva

REVISÃO Lucas Morais

REVISÃO DE PROVAS Laura Torres

CAPA Arte postal de Michel Butor enviado à autora sobre imagem de Philippe Enrico

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO POR LEYLA PERRONE-MOISÉS 7

1. MOLDURA 11

DA IMAGEM DA LETRA À PICTOPOESIA: TRAJETOS 13

MICHEL BUTOR VAGA-LUME: DESAFIOS 15

2. GALERIA 29

A ARTE NA LITERATURA: UM SISTEMA DE REFRAÇÃO 31

QUADRO 1: O PINTOR MARTIN DE VERE DÁ AS CARTAS EM *PASSAGE DE MILAN* 39

QUADRO 2: JACQUES REVEL DIANTE DA IMAGEM EM *L'EMPLOI DU TEMPS* 47

A TAPEÇARIA HARREY: DECIFRANDO O MITO DE TESEU 52

O VITRAL DO ASSASSINO: DECIFRANDO A HISTÓRIA DE CAIM E ABEL 55

QUADRO 3: DESCARRILAMENTO DE LÉON DELMONT EM *LA MODIFICATION* 62

3. MESA DE MONTAGEM 75

DESRAZÃO GRÁFICA E COLAGEM DE CITAÇÕES 77

MESA 1: AVENTURAS TIPOGRÁFICAS: "PEQUENAS INVENÇÕES DISCRETAS" 85

MESA 2: COLAGEM E MONTAGEM EM *MOBILE* 90

MESA 3: ESCRITA NÔMADE 98

4. CÂMARA ESCURA 109

INSTANTÂNEOS LITERÁRIOS: POR UMA POÉTICA DA FOTOGRAFIA 111

INSTANTÂNEO 1: NO RASTRO DE ARTHUR RIMBAUD: A ILUSTRAÇÃO TRANSGRESSIVA 118

INSTANTÂNEO 2: UMA VIAGEM FOTOLITERÁRIA: A LEGENDA POÉTICA 125

INSTANTÂNEO 3: CONVERSANDO COM MAN RAY: OLHARES CRUZADOS 137

5. ATELIÊ 147

A POESIA NOS "LIVROS DE DIÁLOGO": DA ILUMINURA À ILUSTRAÇÃO 149

ILUSTRAÇÃO 1: APARIÇÕES NA NOITE DE MIQUEL BARCELÓ 158

ILUSTRAÇÃO 2: MICHEL BUTOR COM YOUL: LUCIDEZ 166

ILUSTRAÇÃO 3: ESCRIÇÃO NA ARGILA 179

6. MARGEM 189

IMAGENS 199

BIBLIOTECA 247

DE MICHEL BUTOR 247

GERAL 250

APRESENTAÇÃO

Leyla Perrone-Moisés

Trabalhar sobre a obra de Michel Butor exige competência e coragem. Competência, porque se trata de uma obra múltipla e complexa; coragem, porque essa obra é enorme. A publicação recente de suas obras completas tem doze volumes, isto é, milhares de páginas. Márcia Arbex possui essas duas qualidades, já comprovadas pelos numerosos artigos que tem publicado sobre o escritor.

No último capítulo deste livro, Márcia fala da “marginalidade” de Michel Butor. Marginalidade não no sentido social, mas no sentido estético de exclusão das classificações em que os escritores geralmente se encaixam. Diz a ensaísta: “Deslocado entre os *nouveaux romanciers*, intruso entre os poetas, incompreendido por certa crítica, à *l'écart* da academia, formou, junto aos artistas, belas comunidades anacrônicas e atópicas, errantes e luminosas, emitindo lampejos com suas imagens vaga-lumes – resistentes, persistentes e intermitentes, ou seja, políticas, reminiscentes e poéticas” (p. 192).

De fato, o nome de Butor é internacionalmente conhecido, mas sua imensa obra é pouco lida, o que o fez dizer, no colóquio a ele dedicado em 2011: “sinto-me muito à margem” e “(sou) um ilustre desconhecido”. A razão desse desconhecimento é a originalidade de suas produções e de seu percurso intelectual. Tendo iniciado sua carreira como romancista premiado e crítico literário excepcional, ele logo abandonou o gênero romanesco e a crítica tradicional para dedicar-se à invenção de novos gêneros e à exploração de inéditas maneiras de escrever e publicar. Com isso, tornou-se ilegível para a crítica institucional e foi excluído do ensino universitário de seu país, sendo levado a exercer a profissão docente na Suíça.

Sua obra romanesca tem sido suficientemente estudada, mas ela é uma parte ínfima de sua produção escritural, que abrange a poesia, as artes plásticas, gráficas e a música, muitas vezes efetuada em parceria com artistas tão inventivos quanto ele. Márcia Arbex escolheu estudar sua obra “à luz do seu diálogo com as artes” (p. 193). A pesquisadora analisa, neste livro, a relação do escritor com as artes visuais, iniciada por pequenas intervenções tipográficas, prosseguida

depois por experiências mais ousadas de composição da página, de interação com fotografias até chegar às obras de colaboração com outros artistas, que fazem dialogar imagens e textos ou que buscam novas formas para o objeto livro.

Os títulos dos capítulos do livro de Márcia Arbex, listados no sumário, já o colocam no universo das artes visuais. Depois de um primeiro capítulo intitulado “Moldura”, que funciona como introdução, passa para o segundo, intitulado “Galeria”. Neste, a pesquisadora trata da presença de obras visuais descritas em seus primeiros livros, na fase *nouveau roman*, e mostra como elas funcionam com relação à trama. No terceiro capítulo, intitulado “Mesa de montagem”, a autora analisa a segunda fase do escritor, quando ele efetuou uma grande virada em sua obra, tornando-a verdadeiramente inovadora.

A grande virada se deu em 1962, com a publicação de *Mobile. Essai pour une représentation des États-Unis*. Esse livro originalíssimo “representa” os Estados Unidos por meio de colagens de textos históricos e literários, catálogos comerciais, listas de objetos, seus modelos e cores, e uma infinidade de pormenores da vida cotidiana norte-americana. As colagens são regidas pela ordem alfabética, a partir dos nomes de cidades homônimas espalhadas no imenso território do país. As páginas do livro apresentam variações tipográficas e espaços em branco, numa nítida filiação à experiência poética de Mallarmé. A intenção de Butor era “fazer falar” os próprios norte-americanos, levando à reflexão sobre os crimes de sua história: o massacre dos índios, o escravagismo, o racismo, o assassinato “ritual” dos presidentes, etc. Esse livro demonstra que a invenção formal não é mero jogo, mas pode ter uma função crítica e política.

O livro foi mal recebido pela crítica francesa, que não estava aparelhada para o compreender. Como mostra Márcia Arbex no capítulo dedicado à “montagem”, somente um crítico e um poeta compreenderam e admiraram o projeto de Butor: Roland Barthes, na França, e Augusto de Campos, no Brasil. Segundo Barthes, a obra nada tem de arbitrário, revela pelo contrário “um saber sobre os Estados- Unidos”, e foi rejeitada por ter “ferido” a própria ideia de “livro” (*Littérature et discontinu*, 1964). Augusto de Campos saudou imediatamente o livro de Butor, no artigo “A prosa é Mobile” (1963), em que apontava a “experiência radical” do escritor, “no sentido de que também a estrutura formal do texto é envolvida na postulação de uma nova prosa”. O mesmo procedimento de colagem foi, em seguida, utilizado por Butor em novos “livros de viagem”: *Réseau aérien*, *Où*, *Boomerang* e *Le génie du lieu*, que Márcia Arbex chama, acertadamente, de “prosa nômade”.

No quarto capítulo, intitulado “Câmara escura”, a autora analisa as obras em que Butor trabalha com e sobre a fotografia. A primeira obra analisada é *Dialogue avec Arthur Rimbaud sur l’itinéraire d’Addis-Abeba à Harar*, de 2001. Tendo como guia as cartas de Rimbaud, e acompanhado de sua mulher fotógrafa, o escritor percorreu o trajeto efetuado pelo poeta em 1887. Ao longo dos anos, ele já tinha publicado vários ensaios sobre Rimbaud, e esse conhecimento aprofundado de sua obra é, de certa forma, confrontado com a paisagem que o poeta viu após abandonar a poesia. Para a análise da interação das fotos com os textos, Márcia Arbex usa com pertinência os conceitos criados por Roland Barthes para o estudo da fotografia: *studium*, *punctum* e *ductus*. E conclui: “A escrita, por sua vez, com o vai e vem das citações, o uso de diversas vozes narrativas, entre as cartas do século XIX e os comentários do século XXI, a variação tipográfica, produz uma certa forma de ubiquidade, a do ‘aqui-agora’ do texto ao ‘alhores-anterior’ do objeto, para melhor sentir a ausência de Rimbaud, ou de sua presença sobrevivente”.

É também com esse efeito fantasmático da fotografia que Butor lida na obra seguinte, *L’atelier de Man Ray*, de 2005. Dialogando com as fotos do estúdio presentemente abandonado de Man Ray, realizadas por Maxime Godard, o escritor medita, por assim dizer, em vários planos, sobre a arte da fotografia, e transcreve de forma poética suas visões espectrais do fotógrafo e de sua mulher, que ali viveram e deixaram fotos.

No quinto capítulo, intitulado “Ateliê”, a autora se debruça sobre outras experiências de Butor, em seus “livros de diálogo”: gravuras de amigos artistas integradas com textos manuscritos do escritor. Segundo ela, esses trabalhos de colaboração derivam de suas experiências juvenis com os surrealistas, baseadas no trabalho coletivo e no companheirismo. Segundo Butor, nesse trabalho conjunto, o escritor vê nas obras plásticas algo de que o próprio artista não tinha consciência, e o artista permite que a imaginação do escritor se abra para formas verbais que ele não encontraria sozinho.

Não contente com essa prática renovadora da relação escritor com artista visual, Butor foi mais longe, cooperando com fabricantes de livros-objetos, como Youl, que trabalhava com colagens de vários materiais, e com outros criadores de livros de argila, de cerâmica, ou de bolas de terra, como Jean-Luc Parant.

Inútil dizer que ainda há muito a ser estudado na obra de Butor, que sempre deixa vários caminhos em aberto. Mas pelo rigor e a extensão de sua pesquisa, Márcia Arbex avançou um bocado em uma de suas vias mais fascinantes. E mais ainda: seu trabalho é uma importante contribuição para os estudos inter-semióticos e um estímulo à cooperação entre novos artistas.